

TEATRO  
ABERTO



# NORA HELMER

JOÃO LOURENÇO  
VERA SAN PAYO DE LEMOS

A PARTIR DE **CASA DE BONECAS** DE **HENRIK IBSEN**  
**CASA DE BONECAS, 2.ª PARTE** DE **LUCAS HNATH**

ENCENAÇÃO E CENÁRIO **JOÃO LOURENÇO**  
DRAMATURGIA **VERA SAN PAYO DE LEMOS**  
FILME **JOÃO LOURENÇO · NUNO NEVES**  
FIGURINOS **MARISA FERNANDES**  
LUZ **ANABELA GASPAR**  
MÚSICA **ERNESTO RODRIGUES**

COM **BENEDITA PEREIRA · CAROLINA PICOITO PINTO**  
**CLEIA ALMEIDA · ERNESTO RODRIGUES · FILIPE VARGAS**  
**MIGUEL DAMIÃO · PATRÍCIA ANDRÉ · RENATO GODINHO**  
**RITA CORREIA**

E **EDUARDA BAPTISTA · RODRIGO COSTA**  
**VICENTE PAIS**

M12



ESTRUTURA FINANCIADA POR



APOIO



Nora Helmer vive um casamento feliz com o marido e os três filhos, mas, num dia de Natal, a harmonia desfaz-se. Perante um problema grave, a falta de amor demonstrada pelo marido leva Nora a pôr em causa não apenas o seu casamento e o seu papel de mãe, mas também a sua educação desde a infância. A história de Nora Helmer torna-se, assim, o ponto de partida para um debate aceso sobre a família, o casamento e o lugar da mulher na sociedade.

*Nora Helmer* é um espectáculo de cinema e teatro, uma criação desenvolvida a partir da reescrita das peças *Casa de Bonecas* (1879), de Henrik Ibsen, e *Casa de Bonecas, 2ª Parte* (2017), de Lucas Hnath. A acção de *Nora Helmer* desenrola-se nos anos 50 e nos anos 70 do século XX e é apresentada primeiro em filme e, depois, representada ao vivo em palco.

SABIA? *Casa de Bonecas*, de Henrik Ibsen, é uma das peças mais representadas no mundo e, até hoje, uma referência para a afirmação dos direitos da mulher. Ibsen escreveu também *Peer Gynt* (1867), a peça que inaugurou o novo edifício do Teatro Aberto a 24 de Fevereiro de 2002. O espectáculo teve encenação de João Lourenço, música de Eurico Carrapatoso e João Pedro Vaz como intérprete do papel titular. Olhe em volta e descubra no *foyer* uma imagem de *Peer Gynt*!

## **NORA** Uma reflexão poética de Lou-Andreas Salomé

Talvez, quando era uma pequena ave indefesa, tenha sido retirada de um ninho maternal e colocada entre animais domésticos. Criada sem qualquer conhecimento da sua verdadeira natureza e do seu lar original, e rodeada de constantes mimos e tratamentos preferenciais, diverte-se inocentemente no seu sótão, que é como um quarto de brinquedos grande e alegre. O que ela ali descobre, através dos olhos de uma ave selvagem, não parece ser um mundo real, mas mostra uma imitação desse mundo, que funciona como um recreio agradável com brinquedos coloridos para a sua energia infantil.

Assim, ela vai-se adaptando lentamente. No entanto, há uma angústia quando se aproxima a estação em que as tempestades abanam as janelas do sótão e até as chegam a abrir com uma rajada forte e abrupta, revelando subitamente ao pequeno pato selvagem uma vista do céu e da terra. Com o primeiro raio de luz que a invade sem cessar, vem também a recordação e o reconhecimento. Com a primeira lufada de ar que irrompe na sala húmida de tábuas de madeira, intromete-se também o que parece ser uma saudação vinda de uma distância intuída; é como o hálito perfumado de uma casa original que se situa muito para além de todos os telhados da cidade com o fumo das suas chaminés, alto e distante sobre todos os sótãos e prisões.

Ela ainda não sabe onde é a sua casa, apenas que não pode ser aqui; e, assim, o seu instinto inegável e um desejo profundo e poderoso forçam as suas asas a mover-se. E em breve deixa de ser uma questão de saber se as asas inexperientes podem levar o pato selvagem e se há um caminho a seguir através da distância que o saúda; já não se trata do que fica para trás – a má vontade e a mágoa dos outros, a sua raiva ou mansidão – pois o pato abre silenciosamente as asas e flutua para o desconhecido incomensurável, trocando o grande quarto de brinquedos pelo Todo.

Excerto de Salomé, Lou (1985) [1892], "Epilogue: A Fable" in *Ibsen's Heroines*, trad. Vera San Payo de Lemos, Nova Iorque: Limelight Editions, pp. 146-147.

Psicanalista de origem russa, amiga de Freud, amada de Nietzsche e de Rilke, Lou Andreas-Salomé (ou Lou Salomé) (1861-1937) escreveu sobre questões passionais e o erotismo. Neste seu livro, analisa as personagens femininas das peças *Casa de Bonecas* (1879), *Espectros* (1881), *O Pato Selvagem* (1884), *Rosmersholm* (1886), *A Dama do Mar* (1888) e *Hedda Gabler* (1890), de Henrik Ibsen. No epílogo, vai buscar a *O Pato Selvagem* a imagem do pato selvagem enclausurado no sótão para expressar a situação de aprisionamento e o desejo de evasão das personagens femininas de Ibsen.

**SALA AZUL - QUARTA E QUINTA 19:00 - SEXTA E SÁBADO 21:30 - DOMINGO MATINÉE 16:00**  
TEATRO ABERTO PRAÇA DE ESPANHA, LISBOA | T. 213 880 089 | bilheteira@teatroaberto.com | teatroaberto.com | @teatroaberto